

# O Tuiuti



2013 / Nº 97



## Independência

A Organização do Exército e o  
Processo Nacional de Busca de  
Autonomia



# O Tuiuti

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS) - ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA - E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

**210 ANOS DO NASCIMENTO DE CAXIAS – 70 ANOS DA CRIAÇÃO DA FEB**

**Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel – Presidente da AHIMTB/RS e Vice do IHTRGS**  
*lecaminha@gmail.com*

**Projeto Gráfico: Fabricio Gustavo Dillenburg - Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis**  
*nucleomilitar@gmail.com*

**Capa:**

*Oficiais brasileiros, 1823, São Paulo. À esquerda, oficial de milícias, à direita, oficial de ordenanças.*

## A FAHIMTB E SUA ANTECESSORA, A AHIMTB

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) foi fundada em Resende, RJ, em 1º de março de 1996 e reorganizada em 23 de abril de 2012 como Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), com sede no interior da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), e mais cinco academias federadas:

- A AHIMTB/RESENDE – Academia Marechal Mário Travassos, junto à FAHIMTB na AMAN e presidida pelo acadêmico emérito Cel Claudio Moreira Bento;
- A AHIMTB/Distrito Federal – Academia Marechal José Pessoa, com sede no Colégio Militar de Brasília, sob a presidência do acadêmico emérito Gen Div Arnaldo Serafim;
- A AHIMTB/Rio de Janeiro – Academia Marechal João Batista de Mattos, com sede na Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB/RJ) e sob a presidência do acadêmico emérito Eng Ten R/2 Art Israel Blajberg;
- A AHIMTB/Rio Grande do Sul – Academia General Rinaldo Pereira da Câmara, com sede no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e sob a presidência do acadêmico emérito Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis; e
- A AHIMTB/São Paulo – Academia General Bertoldo Klinger, com sede no Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (IHGGS), sob a presidência do acadêmico Historiador Adilson Cesar, também o presidente do citado Instituto. As citadas AHIMTB funcionam com delegações de poderes específicos da FAHIMTB e AHIMTB/Resende.

A AHIMTB foi fundada na data do aniversário do término da Guerra do Paraguai e do início do ensino militar na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. Teve, como sua sucessora, a FAHIMTB e as AHIMTB federadas, que são destinadas a desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil: Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Forças Auxiliares e outras forças que as antecederam desde o Descobrimento. A FAHIMTB, com sede e foro em Resende mas de amplitude nacional, tem como patrono o Duque de Caxias e como patronos de cadeiras historiadores militares terrestres consagrados.

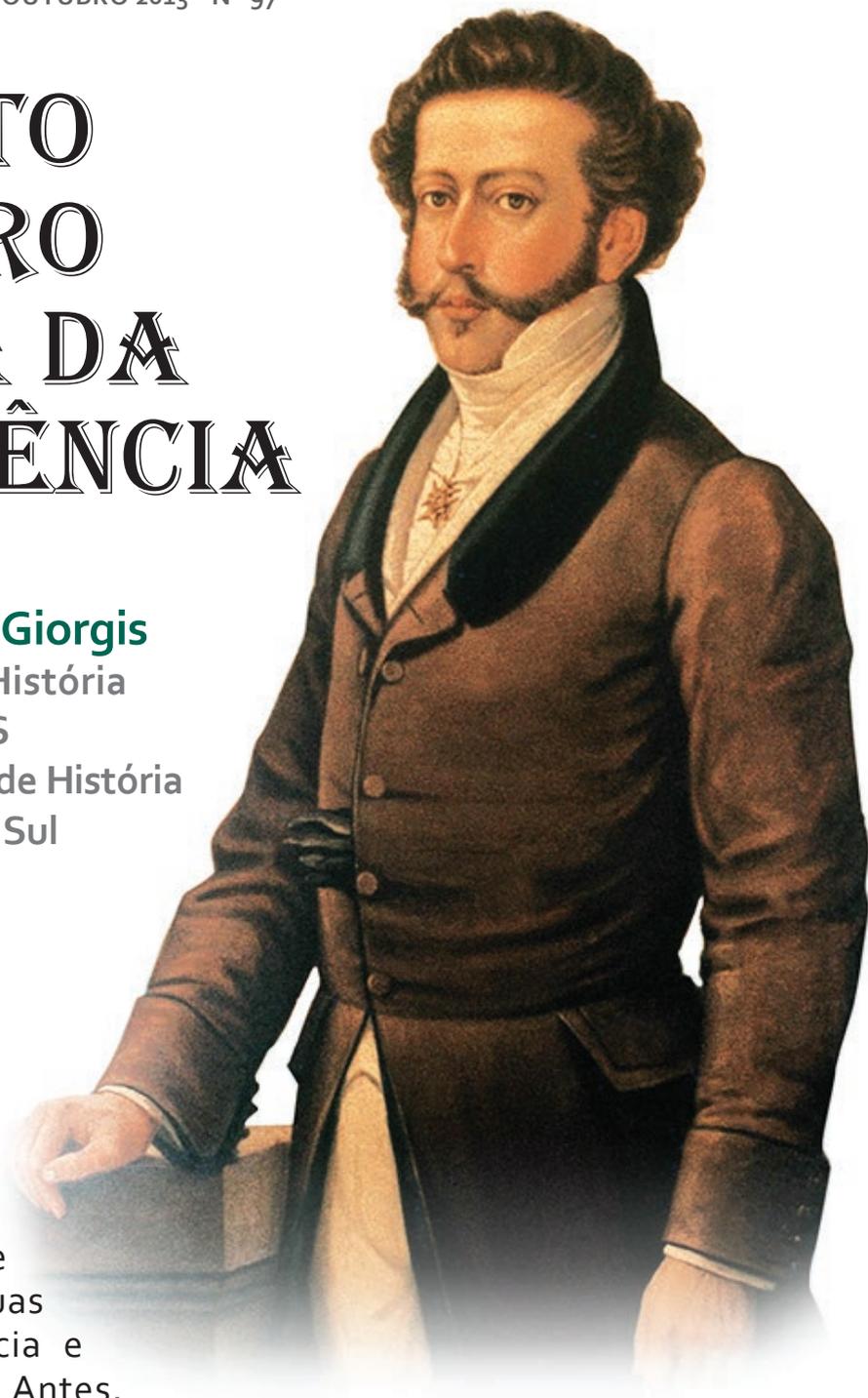
# O EXÉRCITO BRASILEIRO NA ÉPOCA DA INDEPENDÊNCIA

**Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis**

Presidente da Academia de História

Militar Terrestre do Brasil/RS

Vice- Presidente do Instituto de História  
e Tradições do Rio Grande do Sul



## 1. GENERALIDADES

A organização do EB no período 1822/1823 pode ser analisada em duas fases: antes da independência e depois da independência. Antes, o imprevisto foi a tônica do processo, pressionado que foi pela reação do português Tenente-General Jorge de Avilez Zuzarte de Sousa Tavares, comandante da Divisão Auxiliadora, também portuguesa, e vinda de Portugal no decênio anterior.

O General Avilez posicionou-se contra a atitude amistosa de Dom Pedro em relação aos brasileiros e à situação do Reino<sup>1</sup>. O Príncipe Regente já estava, aparentemente, influenciado pelos ventos liberais da península, materializados pela Revolução Liberal do Porto de 1820, que foi a responsável

pelo retorno de Dom João VI a Portugal. Mas Avilez não pensava assim. Havia ele incorporado a ideia de que a Divisão Auxiliadora era a “guardiã constitucional, representante das Cortes e tutora do Regente” (EME, 1972, v. 2, p. 410).

Outros fatos agravaram a situação: ação dos partidos oponentes “português” e “brasileiro”, anseios de independência e transferência para Lisboa das

*“principais repartições instaladas no Brasil por Dom João VI, destacaram-se novos contingentes de tropas para o Rio de Janeiro e Pernambuco e, ponto decisivo, determinou-se a volta para Portugal do príncipe Regente”* (FAUSTO, 2002, p. 132);

O Dia do Fico (09 Jan 1822) e a retirada para Portugal das tropas “que se recusaram a jurar fidelidade a Dom Pedro” (FAUSTO, 2002, p. 132) foram atos de ruptura do Regente em relação às Cortes portuguesas. Avilez forçou a situação, tentando reverter a decisão do Príncipe, sem sucesso. Após tentar um sequestro, frustrado, de Dom Pedro, o General português ocupou o Morro do Castelo e ameaçou “bombardear a cidade” (EME, 1972, p. 416) mas, intimado duas vezes pelo Regente, retirou-se para Niterói, onde resistiu até 15 de fevereiro, quando levantou ferros para Portugal.

Outras ameaças sobrevieram, vindas de São Paulo e do Nordeste, principalmente da Bahia, onde o

Brigadeiro luso Inácio Luís Madeira de Melo, nomeado para Comandante das Armas, foi preterido pela Junta Governativa em favor do também Brigadeiro Manuel Pedro de Freitas Guimarães, “líder da corrente brasileira” (Ibidem, p. 418).

Após a Independência, proclamada em 7 de setembro, a situação passou a ser outra, com cinco províncias que se rebelaram contra, exigindo do governo atitudes armadas mais enérgicas.

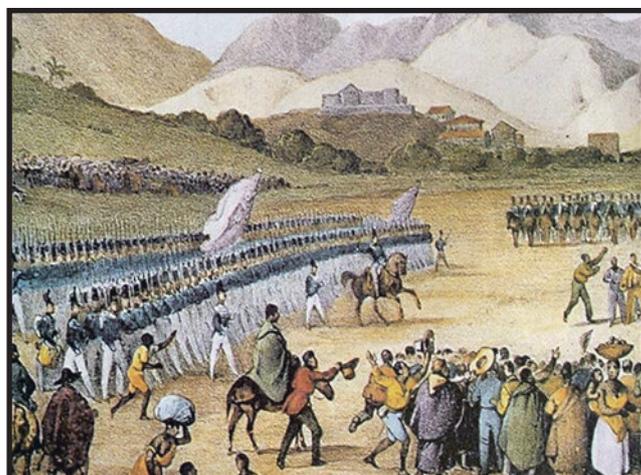


Ilustração de Johann Moritz Rugendas (1802–1858), representando o Terceiro Batalhão do Exército brasileiro em São Cristóvão, Rio de Janeiro, 1835. (Nossa história, ano 3, nº 26, dez/2005)

Conforme Boris Fausto (p. 132), o Dia do Fico e a retirada das tropas que se recusaram a jurar fidelidade a Dom Pedro foram os atos de ruptura que criaram as motivações para a criação de um exército brasileiro. Dom Pedro “decretou o recrutamento geral para a formação de unidades de tropa brasileira” (EME, 1972, p. 412), atendendo a necessidade da criação de um exército que lhe desse prestígio e

Ihe amparasse a autoridade (Ibidem, p. 412). Três generais brasileiros Joaquim Xavier Curado, Luís Pereira da Nóbrega de Sousa Coutinho e o luso-brasileiro Joaquim de Oliveira Álvares<sup>2</sup> convocaram seus comandados, principalmente o 3º Batalhão de Caçadores, aquartelado em São Cristóvão, para “apoiar o Príncipe-Regente” (Ibidem, p. 413). Foram reunidos os regimentos de linha e os corpos de milícia, sob as ordens diretas do Regente. Cidadãos de todas as classes apresentaram-se para formar o Exército do Príncipe (Ibidem, p. 413). O efetivo mobilizado chegou a seis mil, surgindo então uma força terrestre nacional sob o comando do General Xavier Curado. Surgia o Exército Brasileiro.

A formação e organização do Exército Brasileiro nesta quadra da história do país, principalmente após a proclamação da Independência, é o motivo deste trabalho.

## 2. ORGANIZAÇÃO DO EXÉRCITO IMPERIAL BRASILEIRO

Após o 7 de setembro outras providências foram tomadas, no que concerne à organização, estrutura e comando do novel exército. A 12 de outubro, o Imperador<sup>3</sup> criava o “Batalhão do Imperador”, sendo que os 800 militares foram selecionados por ele próprio. O Tenente Luiz Alves de Lima e Silva, futuro Duque de Caxias e Patrono do EB foi designado para a função de ‘Ajudante’ da unidade de elite (GIORGIS, 2011, p. 15). Esta foi uma das primeiras

unidades do Exército totalmente estruturada, organizada, pessoal e materialmente. Chegou à Bahia, controlada por Madeira de Melo, em março de 1823, para a luta contra as forças portuguesas.

Contra o mesmo, foi desencadeada a luta de guerrilhas. Grupos armados, como as companhias de Bellona e de Mavarte, os voluntários cavaleiros, os Pedrões, os sertanejos do Rio das Contas, os pretos libertos, os Periquitos, índios e outros, mobilizaram-se contra os lusitanos (EME, 1972, p. 420). Do Rio de Janeiro, foi enviada para a Bahia uma força expedicionária sob o comando do General francês<sup>4</sup> Pedro Labatut. Lutaram na Bahia um batalhão



Joaquim Xavier Curado, primeiro e único barão com grandeza e conde de São João das Duas Barras (Pirenópolis, 2 de dezembro de 1746 - Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1830).

de Pernambuco, um batalhão de milicianos do Rio de Janeiro, a legião de caçadores da Bahia, o Corpo de Henrique Dias<sup>5</sup>, metade de uma companhia de um regimento baiano,

uma bateria de artilharia do Rio de Janeiro e, vindo de Minas Gerais, o Regimento de Infantaria Auxiliar de Vila Nova da Rainha, totalizando cerca de 11.000 homens. As principais vitórias terrestres brasileiras foram Pirajá, Cabrito e Itaparica.

No mar, o Almirante inglês Lord Thomas Alexander Cochrane sobrepujou Madeira de Melo nas costas da Bahia perseguindo-o até a foz do Tejo, em Lisboa. No Piauí, o Major João José da Cunha Fidié, português, foi vencido pelas forças irregulares sob o comando do sertanejo José Pereira Filgueira, após o brado de revolta do Coronel Simplício Dias da Silveira (Ibidem, p. 428). No Pará, após uma derrota dos independentistas, foi enviado o inglês John Grenfell, que “dominou a situação e estabeleceu uma junta governativa”. Mas a província somente seria pacificada anos depois, com o concurso do Marechal

Francisco José de Sousa Soares de Andrea (Ibidem, p. 429). No Maranhão, Lorde Cochrane impediu desembarques no porto de São Luís e aprisionou o brigue luso São Miguel, juntamente com outros navios, e a situação foi controlada (Ibidem, p. 429).

Na Província Cisplatina “a tropa estava dividida, sendo metade fiel à Lisboa e a outra fiel a Dom Pedro I. O Tenente-General Carlos Frederico de Lecór<sup>6</sup>, Comandante das Armas, cercou Montevideo, bloqueou o porto e venceu os portugueses da Divisão de Voluntários Reais. O governador Dom Álvaro da Costa de Sousa de Macedo” retirou-se para Portugal (GIORGIS, 2007, p. 44).

Foram cinco, portanto, as províncias rebeladas contra a independência, todas elas controladas por forças que foram mobilizadas para isso, das quais algumas eram pré-existentes, ou seja, pertencentes ao Exército Colonial, e outras, ainda que improvisadas em sua maioria, iriam formar o futuro exército imperial.

É possível afirmar que as tropas formadoras da força terrestre foram de várias origens: unidades coloniais portuguesas, regimentos de linha, unidades formadas por luso-brasileiros, corpos de milícias regionais, a Imperial Guarda de Honra do Imperador (EME, 1972, p. 433 e 434), o Batalhão do Imperador, corpos de voluntários, Grupos de Henriques, o regimento de estrangeiros, etc. As normas, procedimentos, regulamentos, inclusive de táticas de combate,



Charge alusiva à disputa entre D. Pedro e seu irmão D. Miguel pelo trono português. As questões que envolveram o processo de autonomia nacional foram muito mais complexas do que expressam os nossos tradicionais livros de História.

seguiram os padrões portugueses.

Desde 1810, quando da fundação da Academia Real Militar<sup>8</sup>, uma grande parte dos oficiais subalternos já era formada no Brasil<sup>9</sup>. Outros eram portugueses e alguns outros, geralmente de patentes mais altas, eram contratados. A criação do Quartel-General da Corte, no início de 1824, concentrou as funções de Comando-Geral e de Estado-Maior da Força Terrestre. O armamento foi regulamentado e, assim, padronizado. As tropas passaram a ser de 1ª linha e de 2ª linha. Outras repartições foram criadas, como "o Comissariado-Geral, o Depósito de Recrutadas, fábricas, arsenais e estabelecimentos, como o Real Trem e a Fábrica da Casa de Armas da Conceição" (Ibidem, p. 435).

### 3. CONCLUSÕES

O Exército Brasileiro foi formado em situação de pressão interna, utilizando-se de uma estrutura pré-existente<sup>10</sup> e, principalmente, para

atender a uma causa sublime e relevante: a independência.

Neste processo, foi seguido o exemplo da mobilização forjada na luta contra os holandeses (1624-54). Esta é a razão da vinculação dos heróis de Guararapes a uma Gênese do Exército Brasileiro.

A Constituição outorgada de 1824 criou as Forças Armadas, com Exército e Marinha (Art. 145 e 148)<sup>11</sup>, definindo-as para "sustentar a Independencia, e integridade do Imperio, e defendel-o dos seus inimigos externos, ou internos".

A missão das forças armadas era enorme: garantir a integridade e a soberania da nação. Conforme a História do Exército Brasileiro "coube ao exército brasileiro [...] a maior responsabilidade na consolidação da independência do país" (EME, 1972, p. 435).



## Notas:

- 1 Reino Unido de Portugal e Algarve.
- 2 Natural da Ilha da Madeira.
- 3 Dom Pedro foi aclamado Imperador nesta mesma data, 12 de outubro.
- 4 Mercenário contratado.
- 5 Denominação da unidade de negros que evocava a guerra contra os holandeses.
- 6 Visconde da Laguna.
- 7 Primeiro conde da Ilha da Madeira.
- 8 Início do funcionamento em 1811.
- 9 Luiz Alves de Lima e Silva (futuro Caxias) concluiu o Curso em 1821.
- 10 No decênio anterior e nos primeiros anos da década de 1820 as últimas ações externas do Exército foram as duas intervenções no Uruguai e as guerras contra Artigas. Internamente, a luta contra a Revolução Pernambucana de 1817.
- 11 CAPITULO VIII. Da Força Militar. Art. 145. Todos os Brasileiros são obrigados a pegar em armas, para sustentar a Independencia, e integridade do Imperio, e defendel-o dos seus inimigos externos, ou internos. Art. 146. Enquanto a Assembléa Geral não designar a Força Militar permanente de mar, e terra, substituirá, a que então houver, até que pela mesma Assembléa seja alterada para mais, ou para menos. Art. 147. A Força Militar é essencialmente obediente; jamais se poderá reunir, sem que lhe seja ordenado pela Autoridade legitima. Art. 148. Ao Poder Executivo compete privativamente empregar a Força Armada de Mar, e Terra, como bem lhe parecer conveniente á Segurança, e defesa do Imperio.

## Referências Bibliográficas:

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. **História do Exército Brasileiro** – Perfil militar de um povo. Brasília: EME/IBGE, 1972, 3 vol.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2002.

GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. **Brasil – Linha do Tempo**. Porto Alegre: Suliani Letra & Vida, 2007.

(\_\_\_\_\_) **O Duque de Caxias Dia a Dia**. Porto Alegre: Evangraf, 2011.

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA. **História Militar do Brasil I**. Palhoça: UnisulVirtual, 2009.



Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis

**Sobre o Autor: Luiz Ernani Caminha Giorgis** é Coronel da Reserva, Presidente da AHIMTB/RS e Vice do IHTRGS. Editor do informativo O Tuiuti, é autor de várias obras sobre a história militar, entre elas "O Duque de Caxias Dia a Dia" e "História do Casarão da Várzea 1885-2008" (co-autor). Possui inúmeros artigos publicados e é detentor de diversos diplomas e medalhas, recebidos por serviços prestados à memória brasileira. E-mail para contato: [lecaminha@gmail.com](mailto:lecaminha@gmail.com)

# ORAÇÃO DE UM PAI

*General Douglas MacArthur*

Senhor, dá-me um filho que seja bastante forte para saber quando é fraco e corajoso bastante para enfrentar a si mesmo quando tiver medo; um filho que seja orgulhoso e inflexível na derrota inevitável, mas humilde e manso na vitória. Dá-me um filho, cujo esterno não esteja onde deveria estar a espinha dorsal; um filho que TE conheça e que saiba conhecer-se a si mesmo, que é a pedra angular do saber. Guia-o, eu TE suplico, não pelo caminho fácil do conforto, mas sob a pressão e o agulhão das dificuldades e dos obstáculos; que aprenda a manter-se ereto nas tempestades; a ter compaixão pelos malogrados.

Dá-me um filho de coração puro e objetivos elevados; um filho que saiba dominar-se antes de procurar dominar os outros, os outros homens, um filho que aprenda a rir, mas que não desaprenda de chorar; um filho que tenha os olhos para o futuro, mas que nunca esqueça do passado. E depois que lhe tiveres concedido todas estas coisas, dá-lhe, eu TE rogo, compreensão bastante para que seja sempre um homem sério, sem, contudo, se levar muito a sério. Dá-lhe humildade, Senhor, para que possa ter sempre em mente a simplicidade da verdadeira grandeza, a tolerância da verdadeira sabedoria, a humildade da verdadeira força. Então, eu, seu pai, ousarei murmurar:

**"NÃO VIVI EM VÃO!"**





# AHIMTB / RS

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR  
TERRESTRE DO BRASIL / RS

